

Destrutividade e experiência traumática primária

René Roussillon,¹ Lion

O principal obstáculo à elaboração das formas da destrutividade se deve à tendência a considerá-la a expressão de si mesma. Quando um distanciamento pode ser introduzido entre a expressão manifesta da destrutividade e suas implicações inconscientes ou latentes, abre-se um espaço de trabalho que começa a torná-la elaborável. Proponho examinar três distanciamentos que tornam a destrutividade interpretável: Freud e a questão da integração psíquica, o conceito do uso do objeto proposto por Winnicott e a simbolização da dessimbolização.

Palavras-chave: destrutividade, pulsão de morte, integração psíquica, sobrevivência do objeto, negativismo.

¹ Psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.

A análise e a integração da destrutividade – portanto, o ódio também, por ser uma das formas desta – continuam sendo um dos *ossos* essenciais na prática psicanalítica atual, principalmente devido às dificuldades que trazem à contratransferência dos psicanalistas. Se uma parte dessas dificuldades é relativamente inevitável por estar associada aos afetos que o confronto com as manifestações clínicas da destrutividade e do ódio provoca no analista, outra parte considerável parece estar ligada ao que eu me inclinaria a chamar de *contratransferência epistemológica* mobilizada pela destrutividade. Refiro-me ao efeito das concepções da destrutividade, das questões que nela estão em jogo e até mesmo de suas causas ou horizontes elaborativos sobre a maneira de perceber os processos com os quais a clínica nos confronta.

Minha experiência me levou a considerar que o principal obstáculo à elaboração das formas da destrutividade se deve à tendência a considerá-la a expressão de si mesma, ou seja, como a simples expressão de uma pulsão destrutiva ou mesmo de uma pulsão de morte. Ela é, assim, tomada de cara, de frente, sem dimensão latente, sem implicações inconscientes, tal qual se mostra no plano manifesto. Ao contrário, quando um distanciamento pode ser introduzido entre a expressão manifesta da destrutividade e suas implicações inconscientes ou latentes, abre-se um espaço de trabalho que começa a torná-la elaborável.

É por essa razão que tenho muito apreço pelos autores que introduziram distanciamentos entre o manifesto da destrutividade e as implicações inconscientes ou outras que nele vêm se alojar. Dois autores me foram especialmente úteis nesse sentido. O primeiro foi Freud, em algumas formulações que ele propôs no final de sua vida, e o segundo foi Winnicott, com a concepção do que ele denomina *o uso do objeto* (*use of an object*).

Primeiro distanciamento: Freud e a questão da integração psíquica

Nos breves artigos escritos durante o exílio terminal em Londres, Freud retoma a questão da repetição, formulando, então, de maneira relativamente clara, uma concepção que já estava presente há bastante tempo em sua obra, mas que nunca havia sido formulada de forma tão precisa.

Freud começa por assinalar que as experiências que mais se repetem são *as experiências mais precoces*, propondo, em seguida, o que ele diz ser *uma explicação*. Ele escreve: *explicação: fragilidade da síntese*. No contexto de suas elaborações da época, principalmente em *Construções em análise* (1937), podemos

ter uma boa ideia do que devemos entender por *experiências mais precoces*; são as experiências vividas pela criança *quando ela sequer sabia falar*. Estas correspondem aos dois primeiros anos de vida ou, se não quisermos garantir uma datação exata, são as experiências que nossa tradição de pensamento chamou de *arcaicas* em função de seu tipo de organização subjetiva.

A referência à *fragilidade da síntese* não é totalmente nova em Freud, pois, já em suas primeiras reflexões sobre a reação terapêutica negativa, ele defende a importância de uma função de síntese em atividade no funcionamento psíquico, principalmente sob a égide de Eros, que gosta de formar conjuntos cada vez maiores (Freud, 1920). Na nota escrita no exílio a que eu me referi anteriormente acerca da repetição, essa referência parece indicar que Freud decide considerar a compulsão à repetição, introduzida em *Além do princípio de prazer* (1920), e a coerção que ela exerce sobre a vida psíquica como uma forma de coerção à integração psíquica. Como eu disse acima, essa proposição não é totalmente nova em Freud, já estando implícita em muitos de seus enunciados anteriores, em particular naquele que Lacan (1955) tornou tão conhecido: *Wo Es war sol Ich werden* ou *onde estava o Id, lá estará o sujeito* (o *Ich*, o sujeito, o eu, o eu-sujeito). Em outras palavras, os conteúdos do Id precisam se integrar na subjetividade, precisam ser apropriados nela/por ela.

O que permanece como resto na vida psíquica, o que permanece sob a forma de Id, isto é, sem sujeito nem objeto, deve *tornar-se Ich*, deve tornar-se Eu, considerado como instância da subjetividade. Seja agradável ou fonte de desprazer, seja traumático ou não, Id deve integrar-se na subjetividade, deve *tornar-se sujeito*. E Id molesta a organização psíquica enquanto não for integrado, ameaça a organização psíquica, que o mantém *fora da síntese*, fora do sujeito, pois, para integrá-lo, é preciso desconstruir toda ou parte da organização que o exclui, e essa desconstrução ameaça, ataca e destrói a organização, pelos menos em parte.

Eis, então, uma nova proposição para a destrutividade, uma proposição que diz respeito à sua (uma de suas?) implicação latente; a destrutividade está envolvida no processo de integração como uma das necessidades que esse processo encontra. *Na verdade, trata-se de um processo bem conhecido na biologia: só podemos digerir aquilo que foi antes tomado, mastigado, desconstruído em sua forma primordial para torná-lo assimilável.*

A análise da destrutividade, portanto, levanta a questão de um processo dialético destruição (desconstrução)/ integração que não pode ser interrompido em seu primeiro tempo, devendo ser considerado em seu conjunto e em sua complexidade. Na vida psíquica, também conhecemos muito bem, pela análise da ambivalência, essa dialética. Amo o objeto, mas este nem sempre está presente,

à disposição, podendo me faltar; quando ele me falta, me faz sentir minha dependência, e esta me fere e me leva à hostilidade ao objeto que me inflige essa ferida. Minha hostilidade ao meu objeto de amor depende da própria existência do meu amor. Essa dialética é admiravelmente resumida num aforismo que devemos a Sacha Guitry: “Você me detesta tanto, que deve me amar ainda”.

Segundo distanciamento: o uso do objeto

Winnicott introduz um segundo distanciamento na concepção proposta por ele, principalmente em *O brincar e a realidade* (1975), do uso do objeto. O essencial de sua proposição acerca do tema que nos ocupa, a destrutividade, poderia ser resumido na ideia de que um dos fatores implícitos que dificulta a elaboração da destrutividade se encontra em uma abordagem solipsista desta. Uma abordagem solipsista da destrutividade a confina num postulado narcísico; ela permanece presa dentro do narcisismo, que extingue o lugar do objeto, mantendo uma forma de autoengendramento. Em outras palavras, é reintroduzindo a questão da resposta ou da reação do objeto ao qual ela se dirige que a destrutividade se torna potencialmente elaborável.

Em *O brincar e a realidade*, no capítulo reservado ao *uso do objeto* (para diferenciá-lo da teoria dita da *relação de objeto*, que não leva em conta as peculiaridades do objeto, nem seu modo de ser e de responder), Winnicott sustenta que o destino da destrutividade depende da capacidade do objeto de *sobreviver* ou de *não sobreviver* à manifestação destrutiva. Entre o sujeito e a sua destrutividade, o autor introduz a resposta ou a reação do objeto, que serve de mediadora para a destrutividade e comanda o seu destino, a sua elaboração e a sua integração. Winnicott torna a questão do objeto mais complexa.

Mas, de acordo com essa concepção, o que significa *sobreviver*? Podemos imaginar que não se trata da vida concreta do objeto, uma vez que, no mundo do bebê, esta não está efetivamente ameaçada – exceto em caso de acidente traumático, obviamente. Trata-se, portanto, de uma *sobrevivência subjetiva*, da sobrevivência do objeto pela subjetividade do sujeito, de uma sobrevivência na experiência, nos afetos do sujeito e para o sujeito.

Winnicott (*Ibid.*) propõe duas características principais para a compreensão da sobrevivência do objeto. Um objeto que *sobrevive* é aquele que responde ou reage à destrutividade que lhe é dirigida pelo sujeito: 1 – sem exercer represália contra o sujeito pela violência ou pela destrutividade em resposta; 2 – sem recuo subjetivo e afetivo.

Considero necessário acrescentar uma terceira característica que não foi formulada por Winnicott, mas que parece estar implícita em seu desenvolvimento: o objeto precisa continuar a se mostrar criativo em sua resposta ou reação. Essa criatividade manifesta-se quando, mesmo sendo afetado pela manifestação da destrutividade do sujeito – não haveria como não sê-lo, o objeto é necessariamente afetado a partir do momento em que mantém um vínculo com o sujeito e, de certa maneira, tem de demonstrar isso –, o objeto fornece uma resposta calmante, ligante, uma resposta que possibilita a integração subjetiva. A presença de uma dimensão criativa na resposta do objeto confirma que ele se mantém vivo, um objeto vivo é um objeto criativo, e este se dá a conhecer como outro-sujeito, isto é, independente, pelo menos em parte, do sujeito, fora do alcance de sua onipotência, para empregarmos uma expressão cara a Winnicott.

A proposição de Winnicott me conduz a uma hipótese que resume o distanciamento introduzido por ele quanto à elaboração e à integração da destrutividade: ela não pode ser elaborada nem metabolizada sem levar em conta o objeto e suas respostas atuais e/ou históricas. Tal proposição se aclara ao examinarmos o destino da destrutividade conforme o grau de sobrevivência do objeto.

Se o objeto sobreviver

O objeto é descoberto, nos primeiros tempos de vida, ou percebido, nas experiências posteriores, como *outro-sujeito*. Correlativamente (Rochat, 2006) – uma vez que as duas experiências estão intimamente ligadas – o sujeito se descobre ou percebe a si mesmo como sujeito: Id encontra um sujeito, começa a inserir-se na subjetividade. Organiza-se uma diferença tópica em que o sujeito *mata* o objeto no mundo interno, subjetivo, no mundo da representação, da fantasia, e o objeto *sobrevive* como outro-sujeito no mundo objetivo, dando início à construção de uma tópica que diferencia o interior do exterior. A destrutividade é, assim, diferenciada da destruição, que passa a ser apenas potencial, fantasiada, deixando de ser destruição efetiva; o mundo das representações fantasiadas se diferencia do mundo objetivo. A criatividade pode se desenvolver sem ameaça para a existência do mundo objetivo, dentro e fora estando suficientemente diferenciados para isso, pois o sujeito não confunde mais a atividade representativa e imaginativa – portanto, a atividade criativa – com a ação efetiva. Podemos considerar que Winnicott (*Ibid.*) completa a proposição de Freud de que *o objeto nasce no ódio* ao acrescentar: *se o objeto sobreviver ao ódio*.

Outra consequência é a abertura do espaço do conflito psíquico intrasubjetivo. A sequência descrita por Winnicott em *O brincar e a realidade* merece ser citada *in extenso*:

O sujeito diz ao objeto: “Eu te destruí”. Mas o objeto está ali, ouvindo. O sujeito diz: “Eu te destruí, mas te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua existência para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente)”. (Winnicott, 1975, p. 126)

O objeto amado, no entanto, como assinalei anteriormente, pode faltar e gerar um sentimento doloroso de dependência para com ele, mobilizando, assim, o ódio: o amor provoca o ódio, e este entra em conflito com aquele; ambos os sentimentos moderam um ao outro, desde que um *sobreviva* ao outro.

O modelo da *sobrevivência* pode, então, estender-se não somente à superação da alternativa *eu ou o outro*, eu ou o objeto, mas também à questão da coexistência dos sentimentos e dos processos psíquicos. É a chave de uma parte essencial da organização psíquica e do desenvolvimento de sua complexidade.

Se o objeto não sobreviver à destrutividade e ao investimento pulsional

Inversamente, se o objeto não *sobreviver*, a falta da resposta esperada dele gera uma *decepção narcísica primária* traumática, que resulta em quadros clínicos diversos em função da maneira como o objeto não sobreviveu, pois, assim como a sobrevivência pode ter várias características, existem também diversas maneiras de não sobreviver. Mas os diversos quadros clínicos apresentam também certas características em comum, que tentarei delimitar. Tais quadros clínicos se caracterizam pelas problemáticas narcísico-identitárias e traumáticas; são problemáticas em que a identidade do sujeito está em sofrimento, a subjetividade está essencialmente amputada. Proponho tratar, em primeiro lugar, do afeto de sofrimento que acompanha a decepção narcísica. Sofrimento pelo que aconteceu, mas, sobretudo, sofrimento pelo que não aconteceu. Sofrimento pela destruição que sucedeu de fato. Sofrimento e raiva pelo impasse subjetivo causado pela destruição. Sofrimento pela criação de uma situação sem uma saída aceitável, pois é preciso renunciar à expressão da destrutividade, amputando-se, assim, de

um elemento essencial, ou, então, renunciar ao objeto e ao que este pode fornecer como insubstituível para a economia psíquica.

A integração subjetiva da destrutividade pode fracassar na medida em que repousa na *sobrevivência* do sujeito e do objeto outro-sujeito à expressão pulsional; se o objeto não sobreviver, o sujeito também não sobreviverá, não será produzido ou aprofundado pela experiência que está sendo vivenciada, não tendo como se apropriar de si mesmo. Nessas condições, o sujeito tende a ausentar-se da cena, é retirado dela, não *sobrevive* também à expressão da destrutividade, permanece *fora de si mesmo*, deixando uma espécie de hiato no ser, uma experiência *subjetiva* sem sujeito, sem sujeito nem objeto, que é apenas uma experiência do Id, uma experiência de confusão psíquica. O hiato tende, então, a ser preenchido por incorporações que instalam corpos estranhos na economia psíquica: *A sombra do objeto recai sobre o eu* – afirma Freud (1915b) referindo-se à melancolia –, mas foi o objeto que não sobreviveu, é o objeto narcísico decepcionante que recai, assim, sobre o eu e tende a ser assimilado a ele.

Passo agora às formas dos quadros das patologias narcísico-identitárias, que se instalam em função do tipo de *resposta* do *objeto que não sobrevive*.

Se o objeto exercer represália, se reagir às manifestações da destrutividade por retaliações violentas, tudo se passará como se a destrutividade do sujeito lhe retorne num movimento de bumerangue e, amplificada pela reação do objeto, gere um afeto de terror diante desse retorno amplificado. A violência da reação do objeto se mistura com a do sujeito, causando-lhe confusão quanto à fonte do movimento pulsional; ela produz um efeito de sideração psíquica, ou desencadeia uma violência, ou um ódio cego, ofuscado.

Se, por outro lado, o objeto reagir retirando-se diante das manifestações da destrutividade, a experiência será de morte ou de extinção do vínculo com o objeto, a destrutividade será despotencializada e confirmada pelo recuo, ativando um núcleo de culpa primária (Roussillon, 1999). Com o tempo, na medida em que o vínculo com o objeto parece ter sido destruído, tende a desenvolver-se uma recusa dos vínculos ou um ataque aos vínculos que possam se formar.

Por fim, se a criatividade estiver ausente na resposta do objeto, a ameaça que pesará sobre o funcionamento do sujeito será a da perda do sentido das coisas. A decepção narcísica passará ao primeiro plano, levando a uma forma de afeto de desespero, a um desespero extremo. A experiência subjetiva se torna estranha, bizarra, despersonalizada e dessubjetivada, não podendo ser integrada dessa forma.

Après-coup do traumatismo narcísico causado pela não-sobrevivência do objeto

O encontro com uma das formas da não-sobrevivência do objeto é, portanto, traumático, causando em todos os casos uma desorganização da psique, que não é capaz de integrar isso de maneira satisfatória. No entanto, o sujeito precisa continuar a viver e a desenvolver-se, tendo, também, de enfrentar a coerção à integração que mencionamos no início da nossa reflexão acerca do posicionamento tardio de Freud. Além disso, deve-se dizer que a integração da experiência é complicada pela experiência do fracasso de sua integração. De fato, se a experiência tende a repetir-se enquanto não adquirir um status psíquico adequado e aceitável, a experiência de seu fracasso de integração também tende a repetir-se.

De modo geral, as experiências tendem a repetir-se da forma mais próxima possível do seu registro se não tiverem sido subjetivadas e transformadas por sua integração subjetiva. As experiências traumáticas não integradas tendem, então, à repetição com um mínimo de transformação, permanecendo Id, sem sujeito nem objeto, pura forma e impacto da forma sensório-motora. Além disso, como já assinali anteriormente, elas tendem a atacar a organização psíquica que não as integra, ainda mais que tendem a repetir, também, o fracasso da integração psíquica. Quanto maior, mais precoce e repetida for a experiência de não-sobrevivência, mais ela tenderá a se repetir *em tudo ou nada* e não detalhe por detalhe, e quanto mais ela ameaçar repetir *em tudo ou nada*, ou seja, *de maneira idêntica*, mais repetirá seu caráter traumático.

Em outras palavras, o que complica consideravelmente o trabalho clínico e o leva ao seu limite, até mesmo ao seu extremo, é o fato de que o não-integrado ameaça o já integrado a partir do qual se poderia esperar que ele se integrasse! É por essa razão que a psique buscará proteger-se do retorno das experiências não integradas, mobilizando um cortejo de mecanismos de defesa contra o retorno dessas experiências que foram privadas de integração e contra a ameaça que representam para a sua organização atual.

Aventei a hipótese, na esteira de Freud (1920), de que a principal medida defensiva instaurada é constituída por um contrainvestimento que tenta imobilizar o retorno do resto. Essa imobilização assume diferentes formas, cujo inventário podemos encontrar na literatura psicanalítica: congelamento, petrificação, ressecamento, desidratação, etc.

Formas da destrutividade no encontro psicanalítico

Não devemos estranhar, portanto, que, num processo de psicoterapia psicanalítica – em que um dos principais objetivos é abrasar progressivamente as defesas a fim de que os restos não integrados ou mal integrados retornem para finalmente ser integrados –, esbarremos em resistências significativas. A principal delas é a reação terapêutica negativa, como é denominada por Freud (1923). No processo de metabolização psíquica que caracteriza a aventura psicanalítica, as experiências não integradas que ameaçam vir à tona na transferência são traumáticas, são experiências de decepções narcísicas primárias, e, com elas, vem um cortejo de destrutividade não integrada. Quanto mais o trabalho psicanalítico avança e mais as ameaças pressionam, mais o estado clínico manifesto do sujeito parece agravar-se, dando a impressão de uma reação terapêutica negativa. Quanto mais avança, pior parece a evolução, na medida em que retornam justamente as experiências traumáticas com o seu cortejo de defesas extremas.

Convém, pois, lembrar, desde já, que a dificuldade do trabalho clínico dependerá principalmente do grau e do tipo de organização da psique. Se esta for capaz de jugular um retorno maciço das experiências traumáticas, isto é, se for capaz de moderar a ação dos processos em *tudo ou nada*, como dissemos anteriormente, o trabalho será mais fácil do que se a transferência se efetuar em *fogo ardente*, segundo a feliz expressão de Michel Fain (1971).

De toda maneira, seja sob uma forma extrema ou uma forma mais moderada, o processo encontra inevitavelmente dois tipos de dificuldades que não tardam a ocupar o centro do trabalho: a inversão e o negativismo.

As inversões

Em 1915a, Freud assinala que os processos de inversão, dos quais ele descreve três formas, são os primeiros e, portanto, os mais arcaicos processos de defesa instaurados pela psique; eles precedem o recalque e o trabalho de deslocamento metaforizante que ele possibilita. Os mecanismos de inversão são mais toscos, exigem menos trabalho de transformação do que o trabalho de deslocamento, que é mais complexo e já mais ancorado em formas mais complexas de simbolização.

As três formas de inversão descritas por Freud em 1915 são a inversão do afeto, o retorno para a própria pessoa e a inversão em ativo/passivo. Porém, em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud descreve outra forma de inversão

bem mais perceptível na elaboração dos arcanos da destrutividade: a inversão em passivo/ativo para fins de domínio das experiências de apassivação das experiências traumáticas.

Na inversão passivo/ativo, o sujeito tende a submeter o analista a vivenciar e compartilhar a experiência não integrada. Se a experiência traumática caracterizou-se pelo terror, o sujeito pode tender à inversão, buscando, por sua vez, quando possível, impor o terror. O sujeito se põe, assim, subjetivamente, no lugar do objeto traumático e põe o analista na posição que o próprio sujeito não suportou ocupar, logo, na posição traumática. Na origem desse processo, há certamente uma tentativa de evacuar e de fazer com que o outro, um objeto narcísico, vivencie o que o próprio sujeito viveu no passado e fracassou em integrar. Se o analista *sobreviver* a essa inversão e ao desprazer intenso que ela comporta, então a inversão poderá adquirir um sentido de compartilhamento da experiência, necessário para romper o sentimento de solidão que acompanha a vivência traumática.

O retorno para a própria pessoa, em sua forma melancólica, tende a reproduzir contra ela mesma os maus-tratos sofridos anteriormente, reproduzindo-os ou antecipando-os num procedimento de domínio de seu impacto; mais uma vez, o sujeito se mostra ativo diante daquilo cujo efeito traumático ele deve ter sofrido passivamente. Ferenczi (1933) descreveu essa forma de inversão denominando-a identificação com o agressor. As autoacusações do sujeito, que reproduzem as acusações formuladas por seus objetos de investimento anteriores, pertencem também a essa forma de inversão.

Por fim, na inversão do afeto, há uma inversão de polaridade prazer/desprazer. O que provoca desprazer parece ser buscado como uma fonte de prazer. Identificamos aqui a forma bem conhecida do masoquismo, que transforma a dor em prazer, ou, então, a transformação do desejo em asco, tantas vezes descrita na histeria. Ricardo III, de Shakespeare, apresenta uma forma quase genérica dessa transformação ao declarar, no primeiro ato da peça: “Que o mal seja o meu bem.” Novamente, a inversão visa a dominar aquilo que não pode ser evitado; se eu não posso evitar o que é ruim, então faço como se isso fosse bom e desejado, sobretudo, sexualizando-o ou erotizando-o de alguma maneira. Neste caso, o erótico serve de força de ligação.

Essas formas de inversão são muitas vezes organizadoras da transferência; quando se manifestam no espaço analítico, proponho chamá-las de *transferência por inversão*.

Nas conjunturas transferenciais em que a destrutividade e a elaboração do traumatismo narcísico primário estão em primeiro plano, observamos, às vezes, uma forma complexa peculiar organizada por uma clivagem da transferência.

Dois processos transferenciais estão simultaneamente presentes. De um lado, um processo de transferência por deslocamento, em que o sujeito ocupa o seu próprio lugar e o analista é posto no lugar de um dos objetos significativos de sua história. De outro lado, um processo de inversão, clivado do primeiro, em que o analista é posto no lugar do sujeito, enquanto este ocupa o lugar do objeto traumático.

A principal dificuldade da elaboração se deve, então, ao fato de que, quando inclinado a intervir sobre o deslocamento, o analista se depara com a inversão e, inversamente, quando intervém para assinalar a inversão, ele esbarra no deslocamento. Isso gera uma forma de transferência paradoxal em *double bind*, em que nenhuma intervenção parece adequada.

O negativismo

Examinemos agora as formas clínicas do negativismo, observáveis principalmente na reação terapêutica negativa, que surgem muitas vezes como o efeito das combinações dos processos de inversão e da clivagem da transferência que acabo de descrever. Sua principal característica é a inversão bom/mau.

Podemos descrever uma sequência que, conforme a minha experiência clínica, é bastante típica. Durante uma sessão, proponho uma intervenção que, naquele momento, é bem recebida, produzindo um efeito calmante e uma melhora do estado clínico do sujeito na sessão. Porém, na sessão seguinte, tudo parece ter-se invertido, e o sujeito se mostra paradoxalmente em estado agravado.

A análise paciente dos processos em curso evidencia o mecanismo da inversão, que podemos formular, de forma geral, da seguinte maneira:

“O que você diz, o que eu compreendo na análise é bom... Mas é ruim e faz sofrer porque:

- não veio na hora certa, na minha infância, quando tanto esperei, quando tanto precisei;
- não veio da pessoa certa, de quem esperei intensamente;
- não veio da maneira certa;
- ou não veio no tempo certo, etc.”

Cada progresso é anulado por não ser total, por ser apenas parcial, por não fazer milagre; a parte não é o todo, portanto, não vale nada. O sujeito anula, então, aos poucos as elaborações parciais que deveriam lhe servir de apoio para continuar a avançar. De certo modo, o sujeito se sente forcluído: o que ele não recebeu na infância ou na primeira infância nunca mais poderá receber de maneira satisfatória; é tarde demais, sempre já é tarde demais.

A análise revela, então, um sujeito organizado contra a esperança, pois manter a esperança faz correr o risco de uma decepção e de um retorno da decepção narcísica primária e do sofrimento de agonia que a acompanha. A isso se soma mais um motivo de sofrimento: para sofrer menos, o sujeito organizou-se historicamente numa posição em que aquilo que ele não recebe nunca o receberá, não adianta esperar nem desejar. Se ele perceber que uma nova experiência com um novo objeto pode lhe trazer aquilo a que já renunciou em grande parte, isso despertará o sofrimento histórico de não tê-lo recebido. O sujeito lutará, então, contra a nova experiência e a esperança que ela traz.

Isso mostra claramente que, quando lidamos com esse aspecto do trabalho psicanalítico, é melhor não decepcionarmos depressa demais, não antes de o sujeito conseguir metabolizar suficientemente a experiência de decepção primária para ser capaz de tolerar uma decepção atual. Depois dessas reflexões sobre o que pode causar impasse na análise, eu gostaria de concluir dando uma indicação de uma possível saída.

Winnicott (1975) lembra que, às vezes, é preciso ensinar os analisandos a brincar. As situações traumáticas primárias, com suas decepções e agonias, podem ser consideradas jogos que não aconteceram, que não foram jogados em seu tempo. Isso esboça uma orientação de trabalho que consiste em propor uma arena para que o brincar que não aconteceu encontre um espaço e uma ocasião para finalmente se desenrolar. As formas clínicas da destrutividade não se dão como jogos, mas, se conseguirmos entender que sua repetição no espaço analítico é uma forma de representação da destrutividade, se conseguirmos fazer com que adquiram essa forma mais *potencial*, seremos, então, capazes de considerá-las como formas primárias de simbolização da destrutividade, como formas de simbolização de experiências de dessimbolização: uma *simbolização da dessimbolização*, um *jogo de dessimbolização* e não uma dessimbolização efetiva. □

Abstract

Destructiveness and primary traumatic experience

The main obstacle to the elaboration of forms of destructiveness is the tendency to consider the latter the expression of itself. When distancing can be introduced between the manifest expression of destructiveness and its unconscious or latent implications, an opportunity to work arises and facilitates the elaboration of destructiveness. The author proposes to examine three kinds of distancing that make destructiveness interpretable: Freud and the issue of psychical integration,

the concept of the *use of the object* proposed by Winnicott and the symbolization of desymbolization.

Keywords: destructiveness, death drive, psychical integration, survival of the object, negativism.

Resumen

Destructividad y experiencia traumática primaria

El principal obstáculo para la elaboración de las formas de destructividad se debe a la tendencia a considerarla la expresión de la propia destructividad. Cuando se puede introducir un distanciamiento entre la expresión manifiesta de la destructividad y sus implicaciones inconscientes o latentes, se abre un espacio de trabajo que empieza a hacerla elaborable. Propongo examinar tres distanciamientos que vuelven interpretable la destructividad: Freud y la cuestión de la integración psíquica, el concepto de *uso del objeto* planteado por Winnicott y la simbolización de la desimbolización.

Palabras clave: destructividad, pulsión de muerte, integración psíquica, supervivencia del objeto, negativismo.

Referências

- Fain, M. (1971). Prelude a la vie fantasmatique. *Revue française de psychanalyse*, 36.
- Ferenczi, S. (1933). Confusion des langues entre les adultes et l'enfant. Le langage de la tendresse et de la passion. *Oeuvres complètes, IV (1927-1933)*. Paris: Payot, 1982.
- Freud, S. (1915a). Les pulsions et leurs destins. In *Oeuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1915b). Deuil et mélancolie. In *Oeuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1920). Au-delà du principe de plaisir. In *Oeuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1923). Le moi et le ça. In *Oeuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1937). Constructions dans l'analyse. In *Oeuvres complètes de Freud*. Paris: PUF.
- Lacan, J. (1955). La chose freudienne. In *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.
- Rochat, P. (2006). *Le monde des bébés*. [Paris]: O Jacob.
- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: PUF.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 28/09/2017

Aceito em 25/10/2017

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Marli Bergel**

René Roussillon

4 rue Barrème (4^o étage)

69006 Lyon – France

rroussillon7@gmail.com

© René Roussillon

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA